

1ª questão – valor: 2,0

Alma fatigada

Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!
mas repousar um pouco e repousar um tanto,
os olhos enxugar das convulsões do pranto,
enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranqüilidade
de um céu de carinhoso e perfumado encanto,
mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,
sem o tédio senil da vã perpetuidade.

Um sonho lirial d'estrelas desoladas,
onde as almas febris, exaustas, fatigadas
possam se recordar e repousar tranqüilas!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,
onde eu goze outra luz de místicas paisagens
e nunca mais pressinta o remexer de argilas!

(CRUZ E SOUSA. "Obra completa".)

Carta a Manuel Bandeira, S.Paulo, 28-III-31

Manú,

bom-dia. Amanhã é domingo pé-de-cachimbo, e levarei sua carta, (isto é vou ainda rele-la pra ver si a posso levar tal como está, ou não podendo contarei) pra Alcantara com Lolita que também ficarão satisfeitos de saber que você já está mais fagueirinho e o acidente não terá consequência nenhuma. Esse caso de você ter medo duma possível doença comprida e chupando lentamente o que tem de perceptível na gente, pro lado lá da morte, é mesmo um caso serio. Deve ser danado a gente morrer com lentidão, mas em todo caso sempre me parece inda, não mais danado, mas semvergonhamente pueril, a gente morrer de repente. Eu jamais que imagino na morte, creio que você sabe disso. Aboli a morte do mecanismo da minha vida e embora já esteja com meus trinteito anos, faço projetos pra daqui a dez anos, quinze, como si pra mim a morte não tivesse de "vim"... como todos pronunciam. A ideia da morte desfibra danadamente a atividade, dá logo vontade da gente deitar na cama e morrer, irrita. Aboli a noção de morte pra minha vida e tenho me dado bem regularmente com êsse pragmatismo inocente. Mas levado pela sua carta, não sei, mas acho que não me desagradava não me pôr em contacto com a morte, ver ela de perto, ter tempo pra botar os meus trabalhos do mundo em ordem que me satisfaça e diante da infalível vencedora, regularisar pra com Deus o que em mim sobrar de inutil pro mundo.

(MÁRIO DE ANDRADE. "Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira". Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958, p. 269-270.)

Envolvido, como declara mais de uma vez em suas cartas, na criação de um discurso literário próprio, culto, mas com aproveitamentos de recursos e soluções da linguagem coloquial, Mário de Andrade apresenta nos textos de suas cartas soluções de ortografia, pontuação, variações coloquiais de vocábulos e de regência que podem surpreender um leitor desavisado. Escreve, por exemplo, no último período do trecho citado, "ver ela de perto", tal como se usa coloquialmente. Aponte a forma que teria essa passagem em discurso formal, culto.

Embora procure manifestar para seu amigo Manú (Manuel Bandeira) uma visão prática e uma preocupação maior com a vida, Mário de Andrade deixa escapar certa preocupação com a vida após a morte. Releia a carta e, a seguir, explique em que passagem se pode verificar essa preocupação.

2ª questão – valor: 2,0

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no
[morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu
[afogado.

Manuel Bandeira, "Libertinagem".

- a) Relacione o título do poema à corrente estética da qual o texto participa.
b) O poema adota o procedimento de relatar os acontecimentos sem comentá-los ou interpretá-los diretamente. Que atitude esse procedimento pede ao leitor? Explique brevemente.
-
-
-
-

3ª questão – valor: 2,0

Carta Pras Icamiabas
Às mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas.
Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis, São Paulo.

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e de muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo - a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes - não sois conhecidas por "icamiabas", voz espúria, sinão pelo apelido de Amazonas [...]

[...] as donas de cá tombam nos leitos nupciais.

Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que, a de nenhuma outra cedem pelo formoso torneado e pelo tom. São sempre alvíssimas a dona de cá; e tais e tantas habilidades demonstram no brincar, que enumerá-las aqui, seria fastiando porventura; e, certamente quebraria os mandamentos, discrição, que em relação de Imperator para súbditas se requer. [...]

Ci guarde a Vossas Excias.

Macunaíma,

Imperator

(Mário de Andrade. "Macunaíma - o herói sem caráter")

A respeito da "Carta pras Icamiabas", que constitui o capítulo nono de Macunaíma, e sobre a obra de Mário de Andrade como um todo, assinale o que for correto.

- (01) Mário de Andrade prende-se à crítica de costumes, ao criar heroínas idealizadas e mitificar a figura da mulher numa sociedade urbana em transformação.
(02) A paródia, presente na obra de Mário de Andrade, é uma das características do Modernismo, que visava combater o academicismo, o conservadorismo na arte, a cultura reacionária burguesa e patriarcal da produção nacional.
(04) Mário de Andrade inverte, aqui, os relatos dos cronistas quinhentistas, como Pero Vaz de Caminha, Gabriel Soares de Sousa e Pero de Magalhães Gandavo. Agora é o índio que descreve a terra desconhecida e seus habitantes para seus pares distantes.
(08) Na carta há a tentativa de Macunaíma em expressar uma linguagem culta, que para o autor assume na obra a finalidade de carnavalização da norma culta, ou seja, uma sátira da linguagem culta.
(16) O texto constitui uma paródia à Carta de Pero Vaz de Caminha. Esta apresenta uma visão ufanista da terra, enquanto no texto de Mário de Andrade encontra-se um tom irônico de revisão do mito da boa terra, de crítica acerba aos portugueses.

4ª questão – valor: 2,0

trecho a seguir, escolhido por Lima Barreto como epígrafe para introduzir sua obra, TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, comenta o confronto entre o ideal e o real:

"O grande inconveniente da vida real é o que a torna insuportável ao homem superior é que, se transportamos para ela os princípios do ideal, as qualidades passam a ser defeitos, de tal modo que, na maioria das vezes, o homem íntegro não consegue se sair tão bem quanto aquele que tem por estímulo o egoísmo ou a rotina vulgar."
(Renanm Marc-Aurele)

- a) Cite dois episódios do livro em que o comportamento idealista de Policarpo é ridicularizado por outras personagens.
b) Considerando-se a epígrafe citada, como pode ser analisada a trajetória de Policarpo Quaresma?

5ª questão – valor: 2,0

As questões seguintes se baseiam no trecho do romance CANAÃ, do escritor maranhense Graça Aranha (José Pereira da Graça Aranha, 1868-1931).

O agrimensor olhou a árvore.

- Faz pena - disse compassivo - botar tudo isso abaixo.

- Eu, por mim - acudiu Milkau, levado pelo mesmo sentimento -, preferiria um lote onde não fosse preciso esse sacrifício.

- Não há nenhum - respondeu Felicíssimo.

- O homem - notou Lentz a sorrir com ar de triunfo - há de sempre destruir a vida para criar a vida. E depois, que alma tem esta árvore? E que tivesse... Nós a eliminaríamos para nos expandirmos.

E Milkau disse com a calma da resignação:

- Compreendo bem que é ainda a nossa contingência essa necessidade de ferir a Terra, de arrancar do seu seio pela força e pela violência a nossa alimentação; mas virá o dia em que o homem, adaptando-se ao meio cósmico por uma extraordinária longevidade da espécie, receberá a força orgânica da sua própria e pacífica harmonia com o ambiente, como sucede com os vegetais; e então dispensará para subsistir o sacrifício dos animais e das plantas. Por ora nos conformaremos com este momento de transição... Sinto dolorosamente que, atacando a Terra, ofendo a fonte da nossa própria vida, e firo menos o que há de material nela do que o seu prestígio religioso e imortal na alma humana...

Enquanto os outros assim discursavam, Felicíssimo, no seu amor ingênuo à Natureza, mirava as velhas árvores, e com a mão meiga festejava-lhes os troncos, como os últimos afagos dados às vítimas do momento do sacrifício. Dentro da mata penetrava o vento da manhã e nas folhas passava brandamente, levantando um murmúrio baixo, humilde, que se escapava de todas as árvores, como as queixas surdas dos moribundos.

(in: ARANHA, Graça. OBRA COMPLETA. Rio de Janeiro: MEC-Instituto Nacional do Livro, 1969. p.106-107.)

No romance CANAÃ, publicado em 1902, defrontamo-nos com duas personagens de temperamentos bastante fortes, Lentz e Milkau, imigrantes alemães cujas concepções do homem e do mundo são opostas. Verifique com atenção a participação dessas duas personagens no trecho de Graça Aranha e, em seguida,

- a) sintetize, com suas próprias palavras, os dois tipos de "homem", ou seja, de comportamento do homem no mundo, defendidos, respectivamente, por Lentz e por Milkau;

- b) mostre, com base no texto, que os fundamentos da consciência ecológica, hoje em dia bastante disseminados no mundo, já se encontram presentes nesse trecho de CANAÃ
